

3.1.4 • As incertezas da Europa • Os contornos da crise económica

Europa, energia e geoeconomia: infraestruturas prioritárias e novas soluções

José Félix Ribeiro

EM 2010 A COMISSÃO EUROPEIA avançou com a proposta de um conjunto de corredores e interconexões europeias na área da energia, que culmina um processo de definição gradual de uma estratégia geoeconómica para garantir maior segurança energética e sustentabilidade. Os elementos chave dessa estratégia são os seguintes:

- Criar uma rede integrada de infraestruturas de transporte de eletricidade e de gás natural no espaço europeu, rompendo com as fronteiras nacionais que impedem a diversificação de abastecimento no Mercado Único e dificultam a adoção de soluções mais eficientes para o abastecimento energético;
- Aumentar substancialmente a parte das energias renováveis no abastecimento de eletricidade na Europa;
- Dependere menos do Golfo Pérsico, sem aumentar a dependência da Rússia, recorrendo a fontes tradicionais – ao Norte África (Argélia, Líbia e Egipto) e à África Ocidental (Nigéria, Angola, etc.) – e acedendo pela primeira vez e em larga escala à bacia do Cáspio;
- Aceder à bacia do Cáspio sem reforçar a dependência das infraestruturas de transporte energético da Rússia (nem todos os países partilham deste objetivo) – o papel chave da Turquia e competindo com a China no abastecimento a partir da Ásia Central (Turquemenistão).

As infraestruturas prioritárias na energia

Os projetos prioritários para a infraestrutura energética europeia que permitirão concretizar essa estratégia geoeconómica para a energia foram os seguintes:

1. Instalação de dois polos de produção em larga escala de eletricidade com base em energias

renováveis, assegurando a sua ligação à rede elétrica do centro europeu. Um dos polos seria baseado na rede de energia eólica *offshore* no Mar do Norte – para a instalação de *wind farms*, possivelmente organizadas em *clusters*, localizadas no *offshore* pouco profundo do Mar do Norte que poderão atingir no conjunto uma capacidade de 38,2 GW.

O outro polo apoiar-se-ia na mega produção de eletricidade solar e eólica no Sudoeste Europeu e no Norte de África e as suas interconexões com a rede europeia – produção que poderá atingir a capacidade de 10GW, das quais 40% eólica e 60% solar (ex: solar térmico por concentração).

“ [...] os EUA estabeleceram uma nova fronteira na utilização de recursos energéticos não convencionais, com o início da exploração em larga escala de *shale gas* [...] ”

Este segundo objectivo supõe ampliar as interconexões de eletricidade da Península Ibérica com a França, atualmente diminutas e que fazem da Península uma quase “ilha elétrica” no Continente europeu, bem como as do Magrebe com a Europa do Sul.

2. Conexões da rede elétrica da Europa do Centro/Leste e do Sudeste aos novos polos de geração de eletricidade. Desta forma seria permitido às redes existentes – a começar pelas redes da

Alemanha – adaptarem-se às fortes alterações de fluxos que resultam da nova capacidade eólica *onsore* e *offshore* e das novas centrais térmicas em instalação no Norte-Nordeste da Alemanha reunificada, relevante quando a procura de eletricidade está a crescer principalmente no Sul e Sudoeste da Alemanha; por sua vez a Europa do Sudeste não só tem uma rede regional pouco desenvolvida como impreparada para receber a eletricidade que o potencial hidroelétrico pode permitir produzir, sendo desejável criar as interconexões com a Europa Central.

3. Finalização do plano de interconexões de eletricidade e gás natural no quadro do mercado báltico de energia. Este plano reúne a Dinamarca, Alemanha, Polónia, Lituânia, Letónia, Estónia, Finlândia e Suécia e representa o mais avançado projeto de integração macrorregional na Europa.

4. Implementação do Corredor Sul de abastecimento de gás natural à Europa, com origem na bacia energética do Cáspio (Cáucaso e Ásia Central) e, eventualmente da bacia energética do Golfo Pérsico. Este corredor integra um conjunto de projetos de gasodutos que partindo da bacia energética do Cáspio – Azerbaijão e Turquemenistão – e percorrendo um percurso entre a Rússia e o Irão através da Turquia chegam à Europa Central, à Itália e Balcãs (incluindo o referido projeto Nabucco, hoje competindo com outros projetos neste Corredor (de que são exemplos o *Trans Adriatic Pipeline* (TAP) e o Interconector Turquia-Grecia-Itália (ITGI), concorrendo diretamente com o projeto proposto pela Rússia – o *South Stream*).

5. Desenvolvimento do projecto de gás natural, com duas novas interconexões Norte-Sul.



Corredor Sul de abastecimento de gás natural à Europa. Fonte: Sofia News Agency – Novinite.com (disponível em: http://www.novinite.com/view_news.php?id=143347).



Corredores e interconexões energéticas prioritárias na Europa. Fonte: *Energy Infrastructure Priorities, European Commission 2010.*

- Na Europa de Oeste: trata-se de implementar uma interconexão que liga a Península Ibérica com os seus múltiplos terminais de *Liquefied Natural Gas* e as ligações por gasoduto à Argélia e Líbia com o Noroeste da Europa permitindo a esta aceder quer aos recursos da Noruega e da Rússia, quer do Mediterrâneo e das bacias energéticas do Atlântico; esta ligação para o gás natural é também complementar da prevista para eletricidade solar e eólica atrás referidas, fornecendo o *backup* necessário à ampliação da geração por fontes renováveis e intermitentes

- Na Europa de Leste: trata-se de implementar uma interconexão para o transporte de gás natural entre a área do Mar Báltico incluindo Polónia, servida pelo corredor proveniente da Rússia com os mares Adriático e Egeu e, mais longe ainda, com o Mar Negro incluindo os seguintes Estados-membros (Polónia, República Checa, Eslováquia, Hungria, Roménia e, possivelmente, a Áustria onde termina o gasoduto Nabucco (integrado no Corredor Sul) e aproveitando o gasoduto Mar Báltico/Mar Negro já existente.

Segurança do abastecimento energético na União Europeia

As opções de abastecimento de gás natural feitas pela União Europeia, centradas no acesso à bacia do Cáspio, com independência das infraestrutu-

ras de transporte da Rússia (exemplificadas no projeto Nabucco), devem ser postas em confronto com três mudanças ocorridas em anos recentes que abrem perspectivas para um abastecimento de gás natural e petróleo internos ao espaço geopolítico euroatlântico.

1. A revolução do *shale gas*. Graças a inovações tecnológicas (*horizontal drilling* e *hydraulic fracturing*), os EUA estabeleceram uma nova fronteira na utilização de recursos energéticos não convencionais, com o início da exploração em larga escala de *shale gas*, que não só lhes vai permitir serem autossuficientes nas próximas décadas no menos poluente dos combustíveis fósseis, como, também o pode tornar exportador. Os EUA passarão assim a ocupar uma posição central na segurança energética dos seus aliados, a partir do seu próprio território – o que já não acontecia há mais de cinco décadas. Só que agora num combustível fóssil mais importante do que o petróleo para as economias mais desenvolvidas: o gás natural.

2. A vaga de descobertas de jazigos de petróleo nas bacias energéticas do Atlântico, no *offshore* e em formas não convencionais. Desde 2003 os gastos com Exploração e Produção a nível mundial iniciaram um novo ciclo de investimento com um vigor impressionante, incentivado por preços do petróleo muito mais elevados, pela necessida-

de “desesperada” das grandes companhias privadas de petróleo substituírem reservas já gastas e pela reentrada do Iraque como campo de investimento mais aberto ao exterior. Este novo ciclo ganhou as dimensões de um *boom* em 2010 e 2011, anos em que a indústria petrolífera investiu mais de um trilhão de dólares na prospeção e desenvolvimento de novos jazigos. Estes resultados apontam também para uma mudança muito significativa na geografia da oferta futura de petróleo e na sua geopolítica, fazendo do Espaço Atlântico a região com o mais rápido crescimento na produção de petróleo – incluindo os EUA, Canadá, Brasil, Angola e também a Venezuela.

3. As descobertas de gás natural no Mediterrâneo Oriental. Desde 2009 ocorreram uma série de descobertas de grandes campos de gás natural no *offshore*, primeiro em Israel e depois em Chipre, acrescentando-se às que já se conheciam no litoral do Egito; ao mesmo tempo que se acumulava informação sobre a possibilidade de existirem grandes jazigos de petróleo e de gás no *offshore* da Grécia, no Mar Jónico. No seu conjunto poderiam abrir um novo corredor meridional de abastecimento à Europa – sem recurso à passagem pela Rússia e sem a dependência dos gasodutos vindos do Cáspio valorizando as relações com Israel e com o eixo Grécia/Chipre (tão atingido pela crise da dívida soberana na zona euro). ■